



## O\$ Dois Lados do Real<sup>1</sup>

Cláudio Eduardo de SOUZA<sup>2</sup>  
Sandro Lauri GALARÇA<sup>3</sup>  
Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, SC

### RESUMO

Itajaí é uma cidade catarinense em constante crescimento econômico. Junto com o progresso da cidade, como nas grandes metrópoles, aumenta também a taxa de criminalidade. Sob a justificativa de combate à violência urbana, a Polícia Militar de Itajaí é considerada uma das mais violentas do estado, reprimendo o crime com veemência. Entretanto, às vezes essa repressão (em partes, herança da época ditatorial do país) ultrapassa alguns limites. Foi o que aconteceu em 28 de novembro de 2003, quando, na tentativa de atirar em assaltantes de banco, um policial militar atingiu Rafael Rodrigues Mendonça, estudante de 20 anos, que se escondia atrás de um veículo temendo pelos disparos. O jovem, que estava a caminho do trabalho, foi mais uma vítima contabilizada nas estatísticas de homicídios na cidade de Itajaí.

**PALAVRAS-CHAVE:** Itajaí; Polícia Militar; assassinato; inocente.

### INTRODUÇÃO

Em 28 de novembro de 2003, no horário do almoço, houve um assalto à agência do Banco do Brasil, no Porto de Itajaí. No exato momento em que os dois assaltantes fugiam da Polícia (que havia sido alertada enquanto o roubo acontecia), Rafael passava pela calçada em que começava a perseguição, rumo à empresa J Macêdo, onde trabalhava havia mais de dois anos.

Com medo, o estudante de Logística de 20 anos se escondeu atrás de um carro que estava estacionado na via pública. Vendo que nem os bandidos, nem os policiais que os perseguiam haviam passado pelo veículo em que ele se escondia, Rafael foi se levantando lentamente, para observar o que acontecera. Através do vidro traseiro do Chevette que

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, email: claudioeduardo87@hotmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: sandrogalarca@univali.br.



servira de escudo, o jovem viu que os assaltantes já haviam sido rendidos e estavam sendo algemados. Nesse instante, a viatura do GRT (Grupo de Resposta Tática) chegou em alta velocidade pelo sentido contrário e freou bruscamente, poucos metros atrás do Chevette. Os quatro PMs que compunham a equipe do GRT naquela operação, saíram da Blazer e apontaram suas armas na direção do estudante.

Percebendo a possibilidade de ser confundido com um dos bandidos, Rafael ergueu os braços e gritou insistentemente aos PMs, para esclarecer o provável engano. Cena vista por testemunhas oculares e declarada posteriormente em depoimentos: “*ao dar uma nova olhada, percebeu quando Rafael estava com os braços para cima, dizendo: ‘Eu não sou assaltante... Eu não sou assaltante!’*, fato este que o declarante se recorda muito bem”, afirmou o guarda portuário, Ivan Sebastião de Borba, testemunha de acusação, que, no momento do disparo, estava a poucos metros da viatura do GRT. Ivan também viu os gritos de Rafael serem calados por um tiro que partiu da viatura do Grupo de Resposta Tática. Só o que o guarda portuário não conseguiu identificar foi o autor do disparo fatal.

O assassinato do estudante repercutiu em toda a imprensa catarinense, sendo por meses, capa dos principais jornais do estado: *Jornal de Santa Catarina*, *A Notícia*, *Diário Catarinense* – em caráter estadual – e *Diário do Litoral* e *Diário da Cidade* – ambos periódicos locais; além de emissoras de televisão e de rádio, que cobriram cada parte do processo de investigação do caso e também as manifestações organizadas mensalmente pela família e amigos de Rafael. Devido à forma como aconteceu e à constante veiculação das notícias acerca do caso, a população, de forma generalizada, se indignou e passou a temer a falta de segurança em Santa Catarina.

## **2 OBJETIVO**

Mostrar em um livro-reportagem sobre o caso Rafael Rodrigues Mendonça, que por trás dos números apresentados pelas estatísticas negativas da violência urbana existem vidas que foram afetadas, histórias que foram apagadas e sonhos que foram interrompidos.

## **3 JUSTIFICATIVA**

Segundo estimativa de 2008, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Itajaí possui aproximadamente 170 mil habitantes. O crescimento da cidade se dá pela sua localização geográfica e, principalmente, por possuir a maior zona portuária de



Santa Catarina. O Porto de Itajaí é o segundo maior do país em movimentação de contêineres.

Com o crescimento populacional e o desenvolvimento urbano, conseqüentemente, houve um aumento na incidência de crimes. A violência segue o progresso econômico. Dos 719 homicídios dolosos registrados em Santa Catarina, em 2003, 77 foram em Itajaí, o que representa pouco mais de 10% do número de assassinatos com intenção de matar de todo o estado, segundo registro do Instituto Médico Legal (IML) e da Diretoria de Polícia Técnica e Científica (DPTC).

Os números assustam. Segundo a gerência de estatística da Secretaria da Segurança Pública e Defesa do Cidadão de Santa Catarina (SSP-SC), Itajaí está no topo da violência do estado. Analisando a quantidade de homicídios e considerando a população, o departamento de estatísticas divulgou nos dados anuais de crimes do estado que em Itajaí foram assassinadas três pessoas para cada dez mil habitantes, em 2003. Esse cálculo de proporção da criminalidade pelo número de habitantes tem o objetivo de trazer os números para mais próximo da realidade. Para se estabelecer comparação, Florianópolis apresentou, no mesmo ano analisado, um índice de dois homicídios para cada dez mil habitantes, e em Joinville (a maior cidade catarinense), o índice foi de apenas um.

Vários números comprovam a alta taxa de criminalidade em Itajaí, e o crescimento desenfreado da violência urbana. Mas, não se pode esquecer, que cada um desses números apresentados pelas estatísticas, representa uma vida que foi interrompida e, junto com ela, histórias que foram abruptamente cessadas. Crimes passionais, queima de arquivo, envolvimento com o tráfico de drogas, ou seja lá qual a motivação para o homicídio, independentemente da causa, o fato é que está sendo perdida a valorização da vida de um ser humano.

Para mostrar que por trás de cada número existiu uma vida, o livro-reportagem *O\$ Dois Lados do Real* narra, a partir de um caso específico, a história de uma vítima – desde sua vida social e familiar, até seu derradeiro.

A escolha do caso Rafael Rodrigues Mendonça como tema para este livro-reportagem teve várias razões: a morte precoce, o assassinato de um inocente, a mobilização da população, as manifestações públicas, um crime em que a Polícia (que em tese deve proteger os cidadãos) aparece como agente causadora do assassinato, e a impunidade que segue.

Segundo o Mapa de Violência, divulgado em 16 de novembro de 2006, pela Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI), o número de homicídios no Brasil



creceu acentuadamente de 1994 a 2003, ano em que foram mortas 51.043 pessoas. O sociólogo argentino e pesquisador Julio Jacobo Waiselfisz, autor do estudo, afirma que o número de homicídios (nos dez anos analisados) cresceu mais entre os jovens – 15 a 24 anos – do que no geral da população. De acordo com a pesquisa, foram mortas 32.603 pessoas em 1994, número que atingiu 48.374 em 2004, um aumento de 48,4%. No entanto, entre os jovens o aumento foi de 64,2%. Rafael faz parte dessa estatística.

Além do mais, o estudante de Logística e funcionário da J Macêdo faz parte de um outro rol numérico: o de inocentes assassinados. Em 5 de dezembro de 2003, o *Jornal de Santa Catarina* apresentou uma reportagem que abordava a violência em Itajaí a partir do caso Rafael. Um subtítulo dizia: “Mortes de inocentes chocam a comunidade”, e fazia um levantamento do último semestre daquele ano:

No segundo semestre deste ano, outras três mortes de inocentes sensibilizaram a comunidade. No dia 18 de novembro, o jovem Leonardo Augusto da Rosa, 18 anos, morreu depois de ser atingido por uma bala durante o tiroteio entre homens armados e policiais militares. Segundo a Polícia Civil, Leonardo foi alvejado pela arma dos acusados.

Em outubro, o vigilante de carro-forte Esli de Castro, 33, morreu com um tiro na cabeça disparado por ladrões durante tentativa de assalto. Em 2 de agosto, um menino de apenas nove dias foi assassinado no colo da mãe adotiva durante a execução de um homem.

Na busca por justiça, os familiares e amigos de Rafael organizaram várias passeatas pedindo pelo julgamento do assassino do jovem. Muitos itajaienses aderiram à causa e saíram às ruas vestindo a camiseta de protesto. O medo era que, por se tratar de um policial militar, o acusado de ter disparado contra Rafael fosse absolvido, ou que não fosse sequer julgado. Logo após o enterro do estudante, foi feita a primeira manifestação pacífica. Os amigos e parentes seguiram pela Avenida Hercílio Luz (via em que se concentram várias segmentações do comércio e, conseqüentemente, de intensa movimentação) e, batendo palmas, foram até a frente do batalhão da PM, onde viraram de costas – tanto para mostrar o repúdio à atitude dos militares, quanto para demonstrar a pergunta estampada atrás das camisetas: “Quem será o próximo?”. Depois disso, outras passeatas foram feitas, sempre contando com a cobertura da imprensa e a participação de alguns adeptos da causa.

Muitos dos itajaienses que iam às ruas pedir justiça no caso Rafael, não estavam lá somente por aquele assassinato específico, mas sim em protesto à violência excessiva da Polícia Militar de Itajaí, que é considerada uma das mais violentas do estado.



Segundo dados da Corregedoria da PM de Santa Catarina, divulgados pela gerência de estatísticas da SSP-SC, somente no segundo semestre de 2003, foram instaurados 12 Inquéritos Policiais Militares. O IPM visa, a partir de denúncias, investigar a conduta dos PMs. Desses inquéritos instaurados, a Corregedoria divulgou que os policiais militares foram investigados sob as acusações de lesão corporal, ameaça, homicídio e abuso de autoridade.

Cinco anos se passaram desde aquela sexta-feira, 28 de novembro. Ainda não foi sequer marcado o julgamento do PM Hermelino Noé Caetano, acusado de ter assassinado o estudante de Logística, Rafael Rodrigues Mendonça. O processo continua na sala do promotor de Justiça da Comarca de Itajaí, que, segundo determinação judicial, deveria ter se manifestado até o fim de agosto de 2008 para agendar o júri popular.

Por ser um crime complexo (em momentos, revoltante), o caso Rafael Rodrigues Mendonça é o ideal para traduzir as várias estatísticas da violência urbana. É preciso que a população deixe de enxergar apenas números, e passe a pensar nas vidas que esses algarismos representam.

#### **4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS**

O livro-reportagem é um produto cultural contemporâneo bastante peculiar. De um lado, amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e pelas emissoras de rádio e televisão. De outro, penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade. (LIMA, 1998, p.7)

A primeira coisa a fazer para se interar ao assunto, foi a pesquisa de materiais divulgados pela imprensa local, visualizando, a partir da análise de cobertura da mídia, as abordagens possíveis para a narrativa, as problemáticas do caso e as fontes necessárias.

Remexer em um assunto delicado, como é o caso de um assassinato, é uma tarefa muito complicada. Reavivar recordações das pessoas, fazer com que relembrem momentos que elas preferiam esquecer, ou ainda, que preferem omitir. Resumindo, a dificuldade para a reconstrução da história começa já na seleção de fontes. “É tarefa comum dos repórteres selecionar e questionar essas fontes, colher dados e depoimentos, situá-los em algum contexto e processá-los segundo técnicas jornalísticas”. (LAGE, 2006, p.49)

Para não deixar espaço para nenhuma dúvida quanto à veracidade das informações contidas no livro, as fontes foram selecionadas de maneira mais abrangente possível:

policiais militares, testemunhas, repórteres, funcionários do IML, parentes e amigos de Rafael.

As entrevistas, conforme conceito de Nilson Lage em seu livro *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*, de 2006, foram, do ponto de vista do objetivo, testemunhal; quanto às circunstâncias, entrevista dialogal. Segundo Lage, a entrevista testemunhal é aquela em que o entrevistado faz um relato sobre algo que ele participou ou assistiu, fazendo uma reconstituição do seu ponto de vista particular, usualmente, acrescentando suas próprias interpretações. Em geral, esse tipo de depoimentos não se limita em episódios em que o entrevistado de envolveu diretamente, mas inclui informações a que teve acesso e impressões subjetivas. Já a entrevista dialogal, é basicamente definida por Lage como em que o entrevistador e o entrevistado constroem o tom da conversa, que evolui a partir de questões propostas pelo primeiro, mas sem se limitarem a esses tópicos, permitindo o aprofundamento e detalhamento dos pontos abordados.

Para a construção e estruturação textual, o trabalho se embasa no Novo Jornalismo, um movimento que “levou alguns jornalistas na década de 1960, a defender a utilização de técnicas literárias para o aprofundamento da realidade”. (LAGE, 2006, p.138)

Para concretizar o livro-reportagem, foram necessários dois elementos: a investigação e a interpretação. “O jornalismo investigativo é geralmente definido como forma extremada de reportagem. Trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema”. (LAGE, 2006, p.138). Já a interpretação “objetiva oferecer ao leitor os fatos que permitem estabelecer conclusões – sem fechar essas conclusões”. (LAGE, 2006, p.136)

## **5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

O assalto ao banco foi registrado às 12h13. Estima-se que Rafael tenha sido alvejado cerca de cinco minutos depois. Após ser atingido, o estudante ainda deu alguns passos em direção à viatura do GRT, provavelmente temendo que um outro tiro fosse disparado, ou apenas pedindo ajuda. Cambaleante, caminhou cerca de seis metros e caiu na calçada. Após a rendição dos dois assaltantes, verificou-se que um deles havia sido atingido por dois tiros: um na coxa e outro no ombro. Os bombeiros foram acionados para prestar o atendimento ao assaltante que, posteriormente, foi encaminhado junto do outro elemento para a delegacia. Já Rafael, foi encaminhado ao IML, depois de mais de uma hora deitado no chão. No IML,



houve uma grande movimentação, pois o médico-legista percebeu a presença de sinais vitais no jovem e acionou o Corpo de Bombeiros para tentar reanimá-lo.

Com o decorrer das investigações, surgiram várias versões relativas a aspectos importantes referente ao crime: ele estava vivo quando chegou IML, conforme foi divulgado pela imprensa? Ele teria sobrevivido se recebesse o atendimento médico imediato? Houve negligência por parte dos bombeiros, que acionaram diretamente o IML, sem levar o corpo ao hospital?

Outra polêmica foi quanto à identidade do policial que atirou em Rafael. Alguns jornais divulgaram, a partir de denúncias anônimas, que quem disparou contra o estudante foi o Capitão Almir Silva, que não fazia parte da GRT, mas, naquela operação, foi na viatura do grupo, substituindo um policial que estava ausente. Mesmo na reconstituição simulada, feita em 16 de abril de 2004, não foi esclarecido quem atirou, apenas que o tiro realmente partiu do carro da GRT.

A identidade do acusado de ter assassinado Rafael só foi divulgada aproximadamente um ano depois de sua morte, e só foi possível após análise do projétil que, segundo a balística, era de uma “nove milímetros”. E, como todos naquela viatura estavam em posse de revólveres de calibre 38, com exceção do soldado Noé, que portava uma submetralhadora 9mm, chegou-se a conclusão de que ele fora responsável pela morte do jovem. Será que realmente foi o soldado Noé quem atirou? Ou ele estava protegendo seu superior, que estava prestes a ser promovido na hierarquia militar? Por que, mesmo após a comprovação do exame do projétil, Noé continua se isentando da culpa, mas sem acusar ninguém?

Para todos os questionamentos que envolvem o caso Rafael há, pelo menos, duas histórias antagônicas, relatadas como verdadeiras. A intenção do livro-reportagem não é responder às perguntas de forma definitiva, tomando por verdade uma ou outra versão, mas sim dar voz a todas as possibilidades.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

*O\$ Dois Lados do Real* poderia ser mais um dentre tantos trabalhos acadêmicos que fiz. Mas, não. Mais que isso, foi uma obra que marcou meu amadurecimento profissional e pessoal.

Para escrever esse livro-reportagem foi preciso muita dedicação e esforço. Primeiro por se tratar de um crime em uma cidade que eu não conhecia nada além da universidade (nem uma rua, nem um ponto de referência, nenhuma instituição). Para me localizar, foi

preciso, a cada entrevista, um mapa para andar pela cidade (e andar no sentido literal, pois em todas as entrevistas, fui a pé, muitas vezes caminhando por horas – sem exagero). Por ser um trabalho individual, não havia como contar com a participação de alguém em momentos de desânimo ou até de insegurança.

No início, confesso que via o caso como só mais um crime dentre tantos. Um assassinato que poderia me render um bom livro. Não demorou muito para que eu reformulasse meu conceito. O envolvimento com os amigos, com a família e a ciência de tudo o que Rafael passou naquele dia 28 de novembro, fez com que eu enxergasse de modo diferente. Muitas das pessoas que eu ouvi, nunca haviam falado com ninguém sobre o assunto. Algo delicado tanto para o entrevistado, quanto para mim (entrevistador), pois, sugava cada sentimento das fontes, sem poder demonstrá-los. Foi preciso um autocontrole que eu nunca imaginei possuir. Manter-me frio perante afirmações absurdas, ou frente a lágrimas, foi uma das tarefas mais difíceis para a concretização do processo de entrevistas. Tão complicado quanto entrar no Batalhão da PM, entrevistar o acusado de ter assassinado Rafael ou entrar na sala do IML em que é feito a necropsia (lugar que morava em meus pesadelos). A coragem foi uma outra descoberta pessoal.

Hoje, após a finalização desse material, digo que posso fazer tudo o que eu quiser. Obviamente, sei que muito tenho que aprender. Livro perfeito? Não! Mas resultado de um grande esforço, de muito suor, de muitos “não” que ouvi, de muitas lágrimas (pois não havia como cerrar os ouvidos ou os olhos para tudo. À noite, os sentimentos de impotência e de saudades – por incrível que pareça. Saudades de uma pessoa que eu não conheci! – afluíam), muita leitura, muita experimentação na escrita... Enfim, um enorme crescimento profissional.

Posso dizer também, sem medo, do amadurecimento pessoal, não só pelo reconhecimento de meu próprio potencial, mas pela forma de enxergar a vida. A partir das histórias de Rafael, comecei a rever minha própria história, meus próprios sonhos e atitudes.

Ao fim desse livro-reportagem só espero que *O\$ Dois Lados do Real* aja nas pessoas como agiu em mim. Que cada leitor possa rever sua vida a partir da de Rafael, possa se perguntar, também, até onde vai a impunidade e qual o valor da vida de um ser humano. Se alguma situação narrada provocar no leitor algum sentimento – tristeza, raiva, compaixão, saudades (por que não?), revolta, ou qualquer outra reação emocional – é sinal que, de alguma forma, como eu, o leitor também amadureceu (em alguma intensidade) nessa viagem à saga de Rafael. Quem sabe não tenha sido essa a missão do jovem? Pode ser. Mas



ao menos a missão intencionada por mim, através do livro, será atingida: que as pessoas enxerguem as vidas escondidas pelos algarismos apresentados nas estatísticas da violência urbana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2006.

### Sites Consultados:

[www.oei.org.br/mapa\\_da\\_violencia\\_baixa.pdf](http://www.oei.org.br/mapa_da_violencia_baixa.pdf) , acesso em 5 de abril de 2009, às 14h.

<http://www.ssp.sc.gov.br/dini/estatisticas/estatistica.htm>, acesso em 5 de abril de 2009, às 15h.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Itaja%C3%AD>, acesso em 6 de abril de 2009, às 10h.

[www.itajai.sc.gov.br](http://www.itajai.sc.gov.br), acesso em 6 de abril de 2009, às 11h.

[www.tj.sc.gov.br](http://www.tj.sc.gov.br), acesso em 12 de abril de 2009, às 17h.

### Material consultado:

Jornal de Santa Catarina

Data: 5/12/2003

Página 6

Reportagem: Itajaí no topo da violência

Escrita por: Luciana Zonta